

## Territórios de leitura e resistência: a mediação da informação na biblioteca comunitária Maria Beatriz Nascimento, Sergipe, Brasil

Shirley dos Santos Ferreira  
shirleybiblio@yahoo.com.br

Vanderléa Nobrega Azevedo Cortes  
vanderleanobregaacortes@gmail.com

Damares Socorro Fontes de Oliveira  
dadasos@hotmail.com

Valéria Aparecida Bari  
valbari@gmail.com

Recebido em: 12/01/26  
Aceito em: 20/03/26

### Resumo

As bibliotecas comunitárias emergem como espaços fundamentais de resistência e democratização do acesso à cultura, especialmente em territórios vulneráveis. Inserido nesse contexto, este trabalho tem como objetivo geral analisar o processo de mediação literária no Clube de Leitura "Entre Linhas, Nossa História", da Biblioteca Comunitária Maria Beatriz Nascimento, propondo um checklist operacional para sistematizar tais práticas. A metodologia adotada foi qualitativa, de caráter descritivo-analítico, fundamentada em revisão bibliográfica e observação empírica. O percurso metodológico incluiu a análise dos conceitos de mediação da informação e leitura, a contextualização da biblioteca como espaço de resistência e o estudo de caso do clube de leitura. Os principais resultados indicam que a mediação literária no clube atua como um dispositivo de empoderamento e construção identitária, impulsionada pela curadoria de acervo representativo, pela gestão participativa e pela atuação dialógica da mediadora. O estudo demonstrou que a técnica biblioteconômica, quando aliada à sensibilidade, fortalece o vínculo comunitário e a apropriação da informação. Nas considerações finais, destaca-se a potência da biblioteca comunitária como agente de transformação social, embora se reconheça a necessidade de estudos longitudinais para avaliar o impacto da formação leitora a longo prazo e a validação do instrumento proposto em outros contextos.

**Palavras-chave:** apropriação da informação; bibliotecas comunitárias; clubes de leitura; mediação literária.

*Territories of reading and resistance: information mediation at the Maria Beatriz Nascimento community library, Sergipe, Brazil*

**Abstract**

*Community libraries emerge as fundamental spaces of resistance and democratization of cultural access, especially in vulnerable territories. Within this context, the present study aims to analyze the process of literary mediation in the reading club “Entre Linhas, Nossa História” of the Maria Beatriz Nascimento Community Library, proposing an operational checklist to systematize such practices. The methodology adopted was qualitative, with a descriptive-analytical approach, grounded in bibliographic review and empirical observation. The methodological process included the analysis of concepts related to information and literary mediation, the contextualization of the library as a space of resistance, and the case study of the reading club. The main findings indicate that literary mediation within the club functions as a tool for empowerment and identity construction, catalyzed by representative collection curation, participatory management, and the dialogical role of the mediator. The study demonstrated that library techniques, when combined with sensitivity, strengthen community bonds and the appropriation of information. In the final considerations, the potential of the community library as an agent of social transformation is underscored, while acknowledging the need for longitudinal studies to assess the long-term impact of reader formation and the validation of the proposed instrument in other contexts.*

**Keywords:** *information appropriation; community libraries; reading clubs; literary mediation.*

**1 INTRODUÇÃO**

As bibliotecas comunitárias são dispositivos informacionais, educativos e culturais criados e mantidos por iniciativa das próprias comunidades, instituições religiosas, coletivos ou por meio de ações individuais, surgindo como uma alternativa fundamental para fornecer acesso à cultura letrada e à informação em locais onde a presença do Estado é insuficiente ou inexistente. Historicamente, esses espaços emergem como uma resposta direta às lacunas deixadas pelas bibliotecas públicas tradicionais, que muitas vezes enfrentam dificuldades em estender seus serviços às periferias e zonas rurais, ou que mantêm estruturas burocratizadas e distantes da realidade social de grande parte da população.

Diferentemente das instituições tradicionais, a biblioteca comunitária caracteriza-se por sua natureza orgânica, ela é feita pela comunidade e não apenas para a comunidade. Sob esse contexto, a Biblioteca Comunitária Maria Beatriz Nascimento constitui-se como um espaço de construção coletiva do saber e de valorização da memória afro-brasileira, localizada no bairro Mangabeira, em Nossa Senhora do Socorro, no Estado de Sergipe, no interior do Terreiro de Candomblé Comunidade Casa da Terra Axé Omoluabi.

Articulando agentes culturais do território, em especial a bibliotecária Shirley Ferreira Santos, idealizadora, articuladora e criadora, e o babalorixá Cláudio Sabojinan, a biblioteca comunitária assume um caráter emancipatório e identitário, ao promover acesso ao livro e à leitura em um contexto marcado pela carência de equipamentos culturais e pela invisibilização de narrativas negras.

Neste cenário, em 13 de setembro de 2025, dá-se a formação do Clube de Leitura Entre Linhas, Nossa História, impulsionado pelo edital da Casa Sueli Carneiro, que viabilizou a criação de grupos de leitura mediada organizados por pessoas negras, fornecendo exemplares de obras de autores negros e mentoria para os anos de 2025–2026.

O clube surge como iniciativa mobilizadora de leitura compartilhada, promovendo encontros intergeracionais que envolvem crianças, jovens, adultos e idosos em torno da experiência estética e comunitária de leitura literária. Além de seu papel social e cultural, o clube

constitui-se também como objeto empírico deste estudo, servindo como base para um relato de caso que permitirá observar a mediação em prática no interior da biblioteca comunitária.

Nesse sentido, os aportes teóricos discutidos ao longo deste trabalho serão fundamentais para fundamentar a elaboração de um checklist operacional de ações de mediação literária a ser aplicado no contexto do clube, articulando teoria e prática no processo de formação e fortalecimento da comunidade leitora.

No campo da Ciência da Informação (CI), a leitura literária mediada é compreendida como prática informacional complexa na qual sujeitos constroem sentidos, articulam memórias, elaboram identidades e partilham repertórios socioculturais (Durand; Gerbovic, 2024; Petit, 2019). Dessa forma, a biblioteca comunitária, enquanto ambiente de resistência e de produção simbólica, e o clube de leitura, enquanto prática coletiva de compartilhamento interpretativo, configuram-se como laboratórios vivos de mediação da informação.

Diante desse contexto, o presente artigo tem como objetivo analisar o processo de mediação literária no Clube de Leitura Entre Linhas, Nossa História e propor um checklist operacional de ações da mediação literária, fundamentado em referências teóricas sobre bibliotecas comunitárias e mediação da informação, com vistas a sistematizar e qualificar as práticas leitoras no contexto comunitário. Busca-se, assim, identificar e discutir fundamentos teóricos da mediação da informação e literária aplicáveis a biblioteca comunitária e elaborar um checklist das ações de mediação literária baseado na teoria e nas observações empíricas.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa de abordagem descritivo-analítica, fundamentada em revisão bibliográfica dirigida sobre bibliotecas comunitárias e mediação literária, aliada à observação empírica das práticas do Clube de Leitura Entre Linhas, Nossa História.

## **2 BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: ESPAÇOS DE MEDIAÇÃO DA LEITURA E DA INFORMAÇÃO**

As bibliotecas comunitárias configuram-se como dispositivos culturais e informacionais que emergem da mobilização social e da ação coletiva, em contraponto ao modelo institucional da biblioteca pública. Ao contrário de uma criação estatal, a biblioteca comunitária nasce da comunidade, para a comunidade, constituindo-se como território de pertencimento simbólico, construção identitária e produção de sentidos compartilhados.

Historicamente, o conceito de biblioteca comunitária no Brasil dialoga e, por vezes, tensiona-se com o de "biblioteca popular" e "biblioteca pública". Conforme analisam Araújo (2019) e Martins (2021), apoiados em Almeida Júnior (1997), a biblioteca comunitária emerge, muitas vezes, como uma resposta à ineficácia ou inexistência da biblioteca pública em territórios periféricos.

No entanto, Martins (2021) alerta que a distinção não é apenas geográfica ou de recursos, mas de essência política e administrativa. O autor justifica que, enquanto a biblioteca popular teve, em certos momentos históricos, um viés paternalista ou de extensão do Estado, a biblioteca comunitária contemporânea caracteriza-se pela autonomia. Ela nasce da vontade da comunidade e não apenas para ela, constituindo-se, segundo Araújo (2019), como um espaço legitimado pelo diálogo, pela partilha e pela negociação entre os moradores locais.

A natureza autogerida da biblioteca reflete a "gestão participativa" (Alves, 2020), pautada na cooperação coletiva em contraste com a hierarquia estatal. Essa dinâmica promove o empoderamento e a sociabilidade, gerando o que Pinto (2013) chama de "revolução simbólica". Assim, sua função social atua na disputa de narrativas e na resistência ao silenciamento de saberes em territórios descentralizados.

A nomenclatura "biblioteca comunitária", como demonstram Almeida Jr. (2015), Bortolin e Santos Neto (2023), não é neutra. Ao contrário, ela surge explicitamente em disputa política e conceitual com o termo "biblioteca popular", que nos anos 1960 carregava uma conotação associada às lutas das classes trabalhadoras.

Essa reformulação terminológica reflete um movimento para neutralizar os sentidos combativos e emancipatórios do conceito original, substituindo-os por uma linguagem mais harmoniosa e institucional. Longe de ser apenas semântica, tal mudança revela visões distintas sobre o papel social da biblioteca e sua função nos processos de apropriação da informação. Apesar das mudanças conceituais, Almeida Jr. (2015) e Bortolin e Santos Neto (2023) afirmam que as bibliotecas comunitárias seguem desafiando saberes dominantes. Sua mediação, pautada na escuta, transcende o suporte físico para conectar o leitor à sua própria realidade e à potência da palavra compartilhada

Essa perspectiva está em consonância com Paulo Freire (1983), ao defender que o acervo das bibliotecas comunitárias deve incluir materiais produzidos pela própria população atendida, reconhecendo a legitimidade da oralidade, da experiência e da memória popular como fontes de informação. Ao propor que o povo escreva, ou narre, a sua própria história, Freire (1983) abre espaço para a democratização do conhecimento e para a reconstrução das epistemologias historicamente silenciadas.

Com o intuito de representar graficamente as dinâmicas sociais e culturais que estruturam e fundamentam a atuação da biblioteca comunitária no contexto da mediação da leitura e da informação, apresenta-se a seguir um infográfico que sintetiza seus principais eixos de impacto.

**Figura 1** – Biblioteca comunitária como espaço de mediação sociocultural



**Fonte:** Elaborado pelas autoras (2026).

A imagem apresentada ilustra a biblioteca comunitária como núcleo articulador de relações sociais, culturais e informacionais no território onde está inserida. Observa-se que a Biblioteca Comunitária ocupa o ponto central superior do diagrama, simbolizando seu papel como cerne de práticas educativas, culturais e de convivência. A partir dela desdobram-se três pilares fundamentais de atuação: a promoção da leitura, o convívio social e a valorização da memória cultural.

Essas dimensões sustentam a função da biblioteca como espaço vivo, onde o acesso ao livro se converte em emancipação leitora, permitindo que os sujeitos desenvolvam autonomia

intelectual e interpretativa. O convívio social evidencia a natureza relacional da biblioteca, onde o afeto comunitário constitui vínculo de pertencimento e reconhecimento mútuo. A dimensão da memória cultural, por sua vez, garante a preservação de narrativas locais, fortalecendo identidades históricas e coletivas, especialmente em comunidades que tradicionalmente enfrentam processos de silenciamento cultural.

No centro da imagem, a categoria Espaço de Resistência Cultural simboliza a potência política desses territórios informacionais, onde a circulação do conhecimento e da palavra se converte em forma de afirmação comunitária e contestação às desigualdades de acesso. Essa resistência gera, como consequência, processos formativos que se materializam em educação não formal e, por fim, culminam na garantia do acesso democrático à informação. Dessa forma, o infográfico sintetiza visualmente o papel da biblioteca comunitária não apenas como repositório de livros, mas como organismo social pulsante, que media relações humanas, produz sentido, fomenta cidadania e reconhece o saber comunitário enquanto epistemologia legítima.

Assim, as bibliotecas comunitárias não se limitam a reproduzir o modelo de organização da biblioteca pública, mas propõem um novo paradigma: o da partilha simbólica e da leitura como prática de convivência.

Finalmente, evidencia-se que a biblioteca comunitária se configura como um espaço de mediação da leitura e da informação, pois legitima saberes plurais e desloca o eixo da autoridade informacional: do Estado para a comunidade; da cultura dominante para a vivência popular; do documento estático para o diálogo vivo. Nesse ambiente, o acesso à leitura converte-se em pertencimento, e o encontro com a informação transforma-se em experiência de reconhecimento, uma dimensão que nenhuma classificação formal ou política de acervo é capaz de alcançar.

## 2.1 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E MEDIAÇÃO LITERÁRIA: FUNDAMENTOS E PRÁTICAS

A discussão sobre a mediação da informação e a mediação literária no âmbito das bibliotecas comunitárias demandam um olhar atento às práticas de apropriação da informação em cenários de pluralidade cultural e contextos sociais específicos.

Segundo Bortolin e Santos Neto (2023), restringir a mediação da informação ao suporte escrito exclui injustamente quem não domina a norma culta, ferindo seu direito ao conhecimento e à cultura. Essa visão converge com o pensamento freiriano (1983), que prioriza a "leitura de mundo" em relação à leitura da palavra, reconhecendo a capacidade de sujeitos iletrados de interpretar e significarem suas próprias realidades.

A mediação literária concretiza-se ao reconhecer a pluralidade de sentidos produzidos pelos sujeitos. Ao distinguir oralidade de analfabetismo, Zumthor (1997) questiona a hegemonia da escrita como único critério de saber, permitindo que a mediação atue como um espaço de legitimação de subjetividades, diversas linguagens narrativas, legitimando legítimos diferentes modos de narrar, lembrar, sentir e expressar.

Sob uma perspectiva que integra abordagens contemporâneas e clássicas da CI, a mediação da informação, conforme Almeida Júnior (2015), configura-se como ação intencional, situada e profundamente relacional, direcionada a favorecer interações significativas entre sujeitos, documentos e contextos culturais. Assim, o mediador atua como agente articulador de sentidos e facilitador de processos interpretativos, participação ativa que implica uma postura hermenêutica diante da informação.

No campo específico da leitura, Rabelo e Araújo (2025) concebem a mediação literária como prática cultural e pedagógica que possibilita o encontro fecundo entre leitor e texto, perspectiva que se alinha ao pensamento de Petit (2019) sobre o poder da leitura em gerar deslocamentos internos. Juntos, os autores reforçam que o encontro com o texto é uma ferramenta de reconstrução da subjetividade e ampliação de horizontes.

Considerando a interlocução entre as contribuições de Almeida Júnior e Bortolin (2008), Targino (2020), Coelho e Bortolin (2023) e Nascimento (2024), cujas discussões serão analisadas

com maior precisão no alinhamento com a mediação literária em biblioteca comunitária, observa-se um fio condutor que as atravessa: a superação da ideia de neutralidade bibliotecária em direção a uma postura ativa, consciente e transformadora do mediador e da instituição. A análise evidencia o trânsito da mediação entre a fundamentação epistemológica e a atuação política no ambiente das bibliotecas comunitárias.

Almeida Júnior e Bortolin (2008) definem a mediação como uma interferência, direta ou indireta, essencial à apropriação da informação. Essa ação pressupõe um papel ativo do mediador na construção de sentidos e na transformação da realidade informacional.

Targino (2020) transpõe a ideia de interferência para a luta social, posicionando a mediação em bibliotecas comunitárias como estratégia de inclusão. Em contextos vulneráveis, a autora defende práticas resilientes e ações culturais por parte do mediador que democratizem o acesso à informação, combatendo o analfabetismo funcional e a exclusão social

Nessa mesma perspectiva, porém aprofundando a especificidade da leitura literária, Coelho e Bortolin (2023) corroboram a visão de que a mediação exige experiência e afeto. As autoras sustentam que o mediador deve ser, primordialmente, um leitor, pois apenas quem vivencia o texto pode mediar esse encontro de forma legítima. Destacam, assim, o caráter dialógico e lúdico da mediação nas bibliotecas comunitárias, onde a interação supera a instrução formal, fomentando vínculos de pertencimento.

Por fim, ao propor uma visão multidimensional da mediação, Nascimento (2024) destaca suas dimensões estética, ética, política e formativa. Para a autora, a biblioteca comunitária consolida-se como território de fortalecimento cultural, no qual a prática mediadora transforma a leitura em instrumento de empoderamento coletivo.

Diante da complexidade e da riqueza conceitual apresentada pelos autores, estruturou-se as principais percepções de Almeida Júnior, Bortolin (2008), Targino (2020), Coelho e Bortolin (2023) e Nascimento (2024), correlacionando seus eixos teóricos centrais com a função social desempenhada pela mediação no contexto das bibliotecas comunitárias.

**Quadro 1** - Percepções sobre a mediação da leitura em bibliotecas comunitárias

<b>Autor(es)</b>	<b>Eixo temático centra</b>	<b>Percepção sobre a mediação literária e a biblioteca comunitária</b>	<b>Protagonistas da mediação</b>
Almeida Júnior e Bortolin (2008)	Epistemologia da Mediação	Definem a mediação como ação de interferência e apropriação. A biblioteca não é neutra; o mediador atua tanto na “mediação implícita” (organização/escolha do acervo) quanto na “explícita” (contato direto), sendo a leitura essencial para transformar informação em conhecimento.	O Profissional da Informação/Bibliotecário (que deve atuar como sujeito que interfere diretamente no processo da leitura).
Targino (2020)	Inclusão social e resiliência	A mediação cultural e da leitura são estratégias de combate à exclusão. A biblioteca é um elemento agregador democrático. Exige-se adaptação de práticas para formar leitores em contextos adversos.	Bibliotecários, professores, família e comunidade (agentes resilientes de transformação social).
Coelho e Bortolin (2023)	Mediação literária e dialógica	Focam na interação afetiva. A mediação literária deve ser lúdica e acolhedora, incentivando a autonomia e o prazer estético. Enfatizam que não há técnica que substitua a vivência da leitura.	O Mediador (que deve ser, obrigatoriamente, um leitor) e o leitor (em uma relação dialógica e de troca).
Nascimento (2024)	Dimensões da mediação	Ao integrar dimensões estéticas, éticas e políticas, a mediação	Mediador/Bibliotecário, a comunidade e os leitores

		fortalece identidades na biblioteca comunitária, transformando o acesso em empoderamento individual e coletivo.	(atuando como sujeitos coletivos de construção cultural).
--	--	---	---

**Fonte:** elaborado pelas autoras (2026).

O quadro conta a história de uma prática que começa na intenção consciente de interferência (Almeida Júnior; Bortolin, 2008), ganha força na resiliência contra a exclusão (Targino, 2020), floresce no afeto do encontro literário (Coelho; Bortolin, 2023) e frutifica na emancipação política e cultural dos sujeitos (Nascimento, 2024). Ao observar-se o cruzamento das ideias dos autores, percebe-se que o fio que conduz todas as teorias é a presença humana: não há mediação sem um sujeito que se disponha a interferir na realidade do outro.

Essa jornada inicia-se com a ruptura da noção de neutralidade em Almeida Júnior e Bortolin (2008), para quem a mediação constitui um ato de coragem e comprometimento do bibliotecário ou profissional da informação. Ao assumir o protagonismo da interferência mediadora, esse profissional organiza, seleciona e dissemina a informação de modo significativo para quem a busca. Trata-se de um sujeito consciente de que suas práticas de mediações implícitas favorecem a construção da autonomia crítica do leitor.

Contudo, Targino (2020) nos lembra que esse terreno muitas vezes é árido, marcado pela exclusão social e pela vulnerabilidade. A mediação, portanto, exige resiliência. O texto humaniza a prática ao reconhecer que o mediador não atua sozinho e nem sempre em condições ideais. Ele precisa da parceria da família, da escola e da própria comunidade para transformar a biblioteca em um refúgio de cidadania. O protagonismo se pluraliza: somos todos convocados a usar a cultura como resistência e inclusão, garantindo a todos o direito ao saber.

Ao adentrar o campo da leitura literária em Coelho e Bortolin (2023), a discussão assume contornos de afetividade. As autoras sustentam que a técnica, por si só, é insuficiente; a mediação da literatura requer sensibilidade leitora. Nesse sentido, a mediação configura-se como um encontro lúdico e dialógico de subjetividades, no qual a obra literária e a experiência do prazer e da descoberta favorecem vínculos e a autonomia do leitor. Nascimento (2024) amplia essa perspectiva ao situar a mediação nas dimensões ética, estética e política, concebendo a biblioteca como território de transformação e de fortalecimento de vozes historicamente silenciadas.

Em conjunto, essas abordagens evidenciam a mediação da informação e da leitura como uma prática, na qual sensibilidade, ética e protagonismo convergem para a formação de sujeitos autônomos e críticos.

## 2.2 EXPERIENCIA DO CLUBE DE LEITURA “ENTRE LINHAS, NOSSA HISTÓRIA”

Os clubes de leitura têm ganhado relevância na CI, especialmente em bibliotecas comunitárias, por se configurarem como espaços privilegiados de circulação, apropriação e ressignificação da informação, articulando dimensões sociais, culturais e subjetivas da leitura.

De acordo com Ferreira; Barbosa; Sá (2022), os clubes de leitura constituem-se como espaços de práticas informacionais complexas, nas quais os participantes mobilizam processos de leitura prévia, interpretação, troca de experiências e conversas informais que produzem sentidos compartilhados.

Pesquisas sobre bibliotecas comunitárias, como as de Coelho e Bortolin (2023) e de Ferreira; Barboza; Sá (2022) demonstram que clubes e rodas de leitura se configuram como ambientes de convivência, socialização e fortalecimento comunitário, nos quais o ato de ler extrapola o individual e assume dimensão estética, política e humanizadora.

Segundo Brito (2022), os clubes de leitura são espaços de pertencimento e mediação cultural que fomentam o protagonismo na cultura escrita. Pautada na escuta e no diálogo, essa prática oferece um contraponto à aceleração social e favorece a formação do leitor literário.

O relato de experiência do Clube de leitura “Entre Linhas, nossa história”, concebido como uma experiência emergente de mediação literária no âmbito comunitário, apresenta a experiência prática de pouco mais de dois meses de funcionamento. O clube encontra-se em fase de consolidação de práticas e definição de estratégias que favoreçam a apropriação da leitura e a formação de leitores críticos.

O clube de leitura surgiu organicamente da trajetória da Biblioteca Comunitária Maria Beatriz Nascimento, situada no Terreiro de Candomblé Comunidade Casa da Terra Axé Omoluabi, localizado no bairro Mangabeira, zona periférica do Município Nossa Senhora do Socorro, no Estado de Sergipe. Seu nome homenageia a intelectual sergipana e historiadora Maria Beatriz Nascimento, reafirmando o compromisso com a memória afro-brasileira e com uma pedagogia da emancipação que reconhece a potência das narrativas negras como instrumentos de contestação e reconstrução social. Nesse espaço, a mediação literária assume caráter político e cultural, articulando leitura, identidade e pertencimento.

Nesse ambiente de vocação comunitária e identitária, a formação do Clube de Leitura, em setembro de 2025, foi viabilizada por recursos provenientes do edital da Casa Sueli Carneiro, destinado ao incentivo de clubes de leitura mediados por pessoas negras.

Em vez de simplesmente replicar modelos convencionais de leitura orientada, o edital possibilitou, além da distribuição de exemplares de autores negros selecionados pelos próprios participantes, mas também a oferta de mentoria específica para o planejamento e sustentação e projeção de ações de mediação literária ao longo dos anos de 2025–2026. Esse apoio fortalece a biblioteca ao estruturar a leitura preexistente, promovendo um formato mais dialógico, intergeracional e identitário.

**Figura 2** – Imagem da bibliotecária mediadora do clube “Entre Linhas, Nossa História”



**Fonte:** Acervo pessoal da bibliotecária Shirley dos Santos Ferreira (2026).

Os encontros realizados evidenciam uma dinâmica de escuta sensível e partilha interpretativa, com a participação ativa de diferentes gerações. As leituras produzidas articulam repertórios culturais, memórias orais e histórias locais, configurando a mediação literária como significação coletiva e o clube de leitura como prática teórica territorializada.

Assim, o “Entre Linhas, Nossa História” consolida-se como experiência empírica central deste estudo, permitindo observar e analisar as formas de mediação literária engendradas no cotidiano da biblioteca comunitária. A partir dele, emergem elementos fundamentais que subsidiarão a construção do checklist operacional de ações de mediação, contribuindo para o aprimoramento das práticas existentes e para a formulação de estratégias replicáveis em outros contextos comunitários.

### 2.3.1 Ações iniciais de mediação literária e desafios de sistematização

As práticas de mediação literária do Clube de Leitura “Entre Linhas, Nossa História” constituem ações emergentes, ainda em amadurecimento metodológico. Conduzidas pela bibliotecária Shirley dos Santos Ferreira, promovem o engajamento comunitário e a aproximação entre leitores e textos, ao mesmo tempo em que, em diálogo com os aportes teóricos desta pesquisa, fundamentam a elaboração de um checklist orientador das ações de mediação. Esse instrumento visa organizar, qualificar e tornar replicáveis as práticas do clube, assegurando uma mediação consciente, coesa e alinhada a princípios humanizados e emancipatórios.

As atividades do clube de leitura são realizadas mensalmente, periodicidade definida com a intenção de permitir que os participantes tenham tempo adequado para leitura e elaboração pessoal da obra escolhida. Os encontros acontecem no espaço do Terreiro de Candomblé, ambiente onde a Biblioteca Comunitária está instalada e que se consolidou como lugar de acolhimento, convivência e circulação de narrativas.

A periodicidade mensal dos encontros se inscreve na dimensão formativa da mediação literária, pois estabelece condições para o amadurecimento do processo interpretativo individual, estimulando o desenvolvimento gradual da competência leitora.

A mediação das discussões é conduzida pela bibliotecária responsável, Shirley dos Santos Ferreira, cuja formação técnica e experiência empírica conferem qualidade ao processo interpretativo e à condução das conversas literárias, assegurando que a mediação ocorra de modo sensível, dialógico e respeitoso das leituras individuais.

O grupo, atualmente composto por 10 participantes entre membros do terreiro e moradores da comunidade, reúne sujeitos com repertórios diversos: há leitores iniciantes, que estão tendo agora seu primeiro contato com a literatura negra, e leitores mais experientes, já familiarizados com o gênero e com a obra de autores afro-brasileiros.

Tal heterogeneidade, além de um intercâmbio interpretativo fértil, em que perspectivas distintas se entrelaçam e enriquecem o debate, promove a dimensão dialógica e participativa da mediação, na qual a leitura não é atividade individual, mas construção coletiva de significado.

A obra trabalhada, “Olhos d’Água”, da autoria de Conceição Evaristo, tem possibilitado reflexões profundas sobre memória, afetividade e ancestralidade, refletindo a relevância de leituras que dialogam com as vivências e identidades da própria comunidade. Essa escolha mobiliza a dimensão afetivo-identitária da mediação literária: os participantes não apenas leem a narrativa, mas se reconhecem e se veem refletidos nela. A obra torna-se espelho simbólico e dispositivo de construção de pertencimento.

Ao longo das sessões, busca-se garantir um clima de escuta e expressão livre, no qual os participantes sintam-se encorajados a partilhar suas percepções, questionamentos e emoções suscitadas pela leitura, contribuindo para a construção coletiva de sentidos e para o fortalecimento do exercício crítico e afetivo da leitura literária.

A condução das discussões mediada pela bibliotecária tem como objetivo garantir uma mediação consciente e metodologicamente orientada. A presença da mediadora ativa a dimensão epistemológica e metodológica da mediação literária, pois situa a leitura como processo guiado por estratégias de interpretação, contextualização e partilha qualificada do texto.

A realização das atividades no Terreiro fortalece o vínculo comunitário e a identidade. Ao articular leitura e memória ancestral, o espaço físico deixa de ser mero cenário para se tornar um componente ativo da mediação cultural-estética. Esta fase inicial não apresenta um modelo finalizado, mas um campo em construção, cujas práticas experimentais buscam consolidar redes de leitura mais dialógicas e significativas nas bibliotecas comunitárias.

### **3 METODOLOGIA**

A metodologia deste estudo tem natureza qualitativa e caráter descritivo-analítico. Inicialmente, empregou-se uma revisão bibliográfica dirigida, com foco nas produções acadêmicas sobre bibliotecas comunitárias como espaços de mediação, bem como nos fundamentos teóricos da mediação da informação e da mediação literária. Esses referenciais teóricos constituem o arcabouço conceitual que sustenta a análise e fundamenta a proposta de sistematização da mediação literária.

Em seguida, realizou-se um estudo empírico de observação assistida no âmbito do Clube de Leitura Entre Linhas, Nossa História. Os encontros e interações foram acompanhados com atenção às práticas espontâneas de leitura compartilhada, aos modos de participação dos leitores e à atuação mediadora da bibliotecária responsável. As observações foram registradas de forma descritiva e interpretativa, compondo um relato de caso que permite aplicar, no campo prático, as reflexões oriundas do referencial teórico.

Os dados provenientes da revisão bibliográfica e da experiência empírica foram articulados na elaboração de um checklist operacional de mediação literária, destinado a sistematizar estratégias, procedimentos e posturas aplicáveis a efetivação da mediação literária ao contexto comunitário da biblioteca e do clube.

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A presente seção dedica-se à apresentação e discussão dos dados obtidos por meio da revisão bibliográfica e da observação empírica realizada na Biblioteca Comunitária Maria Beatriz Nascimento. Para atender aos objetivos propostos neste estudo, compreender as dinâmicas de mediação e propor, posteriormente, um instrumento de sistematização, optou-se por estruturar a análise de forma dialógica entre a teoria levantada e a realidade observada.

Dessa forma, a discussão será conduzida através da análise individualizada das seções teóricas e empíricas que fundamentam este trabalho: primeiramente, discute-se a seção 2 Bibliotecas Comunitárias: Espaços de Mediação da Leitura e da Informação, situando o território e a identidade institucional; em seguida, a seção 2.1 Mediação da informação e mediação literária: fundamentos e práticas, que aprofunda os conceitos de interferência e apropriação; e, por fim, a seção 2.3 Clube de Leitura Entre Linhas, Nossa História: dinâmicas, objetivos e contribuição a partir da mediação literária, que examina o objeto empírico central desta pesquisa. Esta análise integrada servirá de base para a futura proposição do checklist operacional.

A análise da fundamentação teórica sobre bibliotecas comunitárias, em contraponto com a realidade da Biblioteca Comunitária Maria Beatriz Nascimento, confirma a premissa de que estes espaços não operam sob a mesma lógica das instituições estatais tradicionais. Conforme discutido na seção 2, a biblioteca comunitária emerge da escassez de equipamentos culturais públicos, mas transcende a função de mero "tapa-buraco" do Estado.

Os resultados apontam que a biblioteca em questão materializa o conceito de "espaço de resistência cultural", ilustrado na Figura 1. Ao estar situada dentro de um Terreiro de Candomblé, a biblioteca rompe com a neutralidade frequentemente associada à biblioteconomia clássica. Diferente da atuação estatal, a natureza autogerida da instituição garante sua legitimidade no território. Como reflexo da comunidade, a biblioteca constitui seu acervo e suas ações de forma orgânica, pautando-se nas identidades e necessidades dos sujeitos locais.

Conforme Almeida Júnior (2015) e Martins (2021), a diferença entre bibliotecas populares e comunitárias é superada no cotidiano pelo vínculo afetivo. A efetividade social do espaço reside no reconhecimento recíproco: a comunidade como produtora de cultura e a biblioteca como lugar de direito.

A discussão sobre os fundamentos da mediação (seção 2.1) revela que, no contexto da Biblioteca Maria Beatriz Nascimento, a mediação da informação não pode se restringir ao suporte escrito ou à técnica biblioteconômica fria. Os resultados da pesquisa teórica, em diálogo com a práxis observada, indicam que a mediação neste ambiente é, essencialmente, uma ação de interferência consciente, ética e política. A análise valida a perspectiva de Bortolin e Santos Neto (2023) sobre a necessidade de superar a hegemonia da cultura escrita que exclui saberes orais e populares.

No contexto observado, a mediação literária atua como uma conexão dinâmica em processo de mediação entre a "leitura de mundo", e a "leitura da palavra", concepções de Paulo Freire (1998). A bibliotecária e os mediadores não atuam apenas como facilitadores de acesso ao livro físico, mas como agentes que legitimam as narrativas orais e as memórias ancestrais da comunidade, integrando-as ao universo letrado.

Fica evidente que a mediação literária neste contexto exige uma postura ativa e sensível. Não se trata apenas de disponibilizar o acervo, mas de criar situações de encontro onde a apropriação da informação ocorra. A discussão teórica aponta que a mediação bem-sucedida é aquela que transforma tanto o sujeito leitor quanto o próprio objeto de leitura, ressignificando a obra literária a partir das vivências do território.

A análise do Clube de Leitura Entre Linhas, Nossa História (seção 2.3) demonstra que este dispositivo é a materialização prática dos conceitos discutidos anteriormente. O clube não é apenas uma atividade de extensão, mas o coração pulsante da mediação literária na biblioteca.

Os dados levantados indicam que o clube opera sob uma lógica intergeracional e dialógica. A heterogeneidade dos participantes (crianças, jovens, adultos e idosos) cria um ambiente rico de trocas, onde a leitura da obra "Olhos d'Água", de Conceição Evaristo, serviu como detonador para discussões sobre ancestralidade, memória e identidade. Isso confirma a tese de Petit (2019) de que a leitura mediada permite deslocamentos internos e a elaboração de sentidos subjetivos e coletivos.

A análise deste cenário revela três pontos fundamentais para apropriação da mediação realizada pelo clube:

- A escolha do acervo: A seleção de autores negros e temáticas afins à realidade dos participantes (viabilizada pelo edital da Casa Sueli Carneiro) foi determinante para o engajamento e a identificação imediata, validando a dimensão estética e política da mediação;
- O espaço físico: A realização dos encontros no terreiro dessacraliza a leitura acadêmica e a reconsagra como ato comunitário e espiritual, fortalecendo o vínculo territorial;
- A atuação da mediadora: A presença de uma bibliotecária (Shirley Santos) que atua não como detentora do saber, mas como articuladora das vozes locais, exemplifica a mediação implícita e explícita, garantindo que a técnica biblioteconômica sirva à emancipação social e não à burocratização da leitura.

O clube de leitura não é um fim em si mesmo, mas uma estratégia metodológica de apropriação da informação, em que a literatura atua como ferramenta de construção da cidadania.

#### 4.1 CHECKLIST SIMPLIFICADO DE MEDIAÇÃO LITERÁRIA

A partir da teoria e dos resultados do Clube de Leitura, propõe-se um Checklist de Mediação Literária. O instrumento atua como um guia flexível para planejar e avaliar ações em

bibliotecas comunitárias, garantindo o alinhamento com a apropriação, a identidade e a resistência cultural. O checklist prático de mediação literária foi estruturado em três etapas: Planejamento (mediação implícita), Encontro (mediação explícita) e Pós-Encontro (apropriação da informação e continuidade).

**Quadro 2** – Etapa 1 do checklist prático de mediação literária

<b>ETAPA 1</b>		
O PREPARO (antes do encontro)		
<b>Foco: Clubes de Leitura e Rodas de Conversa em Bibliotecas Comunitárias</b>		
Verificação	Ação prática	Por que fazer? (base teórica)
( )	<b>Escolher acervo com identidade:</b> Selecionar livros que tenham a ver com a cultura, a cor e a vida da comunidade (ex: autores negros, locais).	Para gerar identificação e fortalecer a identidade cultural (Nascimento, 2024).
( )	<b>Ler o livro antes:</b> O mediador deve ler a obra completa para se preparar emocionalmente e mapear temas sensíveis.	Só consegue mediar bem quem foi tocado pelo texto antes (Coelho; Bortolin, 2023).
( )	<b>Organizar o espaço em círculo:</b> Arrumar as cadeiras ou almofadas em roda, evitando o formato de sala de aula.	Para garantir que todos se vejam e se sintam iguais (Petit, 2019).
<b>ETAPA 2</b>		
A AÇÃO (durante o Encontro)		
<b>O momento da troca e da interferência consciente.</b>		
Verificação	Ação prática	Por que fazer? (base teórica)
( )	<b>Receber com afeto:</b> Cumprimentar cada pessoa, criar um clima leve e de confiança desde a chegada.	O vínculo afetivo é a porta de entrada para a leitura (Coelho; Bortolin, 2023).
( )	<b>Ler em voz alta:</b> O mediador (ou voluntários) lê trechos para o grupo, garantindo que quem não sabe ler também participe.	Valoriza a oralidade e inclui analfabetos ou leitores iniciantes (Bortolin; Santos Neto, 2023).
( )	<b>Fazer perguntas, não dar aulas:</b> Perguntar "O que você sentiu?", "Isso te lembra algo da sua vida?", ao invés de explicar o texto.	O leitor deve construir o sentido, não apenas receber passivamente (Almeida Júnior, 2015).
( )	<b>Conectar com a realidade:</b> Relacionar a história do livro com as histórias do bairro, do terreiro ou da vida dos participantes.	Transforma a leitura em ato político e de cidadania (Nascimento, 2024).
<b>ETAPA 3</b>		
A CONTINUIDADE (depois do Encontro)		
<b>Garantindo que a leitura continue viva na comunidade.</b>		
Verificação	Ação prática	Por que fazer? (base teórica)
( )	<b>Estimular o empréstimo:</b> Incentivar que os participantes levem o livro para casa ou indiquem para vizinhos.	Fomenta a autonomia do leitor (Coelho; Bortolin, 2023)
( )	<b>Registrar a memória:</b> Anotar o que foi dito, tirar fotos (com permissão) ou fazer um diário de bordo do encontro.	A biblioteca é guardiã da memória local (Ferreira; Barbosa; Sá, 2022).
( )	<b>Ouvir para melhorar:</b> Perguntar ao grupo o que acharam e quais temas querem ler no próximo encontro.	Gestão participativa: a comunidade decide junto (Araújo, 2019).

**Fonte:** Elaborado pelas autoras (2026).

Longe de enrijecer a prática, este checklist destaca os processos que tornam a leitura uma experiência de apropriação efetiva. Ele integra a mediação implícita (curadoria e ambiência) à explícita (diálogo e afeto), materializando a dialética necessária ao encontro literário.

Os resultados discutidos ao longo desta seção confirmam que a Biblioteca Comunitária Maria Beatriz Nascimento e seu Clube de Leitura operam como dispositivos de resistência que validam as teorias de Almeida Júnior e Bortolin (2008) sobre a interferência consciente, bem como a perspectiva de Nascimento (2024) sobre as dimensões políticas e éticas da mediação.

Ficou demonstrado que, ao alinhar a escolha de obras literárias com a identidade territorial (autores negros, temáticas ancestrais) e ao adotar uma postura de acolhimento e escuta, a biblioteca rompe com a barreira do "não-leitor" e democratiza o acesso ao universo letrado.

Os dados integrados reafirmam a mediação como instrumento de coesão social que alia técnica e sensibilidade. A apropriação da informação efetiva-se quando há identificação entre o leitor, a obra e o território, fortalecendo o sentimento de pertencimento.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação conclui que a Biblioteca Maria Beatriz Nascimento é um espaço vivo de resistência. Localizada em um Terreiro de Candomblé, sua mediação literária atua como ato político e ancestral, transformando o acesso ao livro em um instrumento de fortalecimento da identidade negra e de emancipação coletiva.

Os principais achados desta pesquisa revelam que a potência da biblioteca comunitária reside na sua capacidade de subverter a lógica da escassez. Identificamos que a gestão participativa e o enraizamento territorial são os pilares que sustentam a legitimidade da instituição perante a comunidade. O Clube de Leitura "Entre Linhas, Nossa História" mostrou-se, portanto, um laboratório vivo de cidadania, onde a curadoria de acervo representativo, com ênfase em autores negros, e a postura dialógica da mediação foram determinantes para engajar crianças, jovens e idosos que, historicamente, se viam à margem do universo literário

Pode-se afirmar que os objetivos propostos para este estudo foram plenamente atingidos. Ao analisar o processo de mediação literária no Clube de Leitura e, a partir dessa observação empírica aliada à fundamentação teórica, propor o checklist operacional, conseguimos não apenas compreender as dinâmicas de apropriação da informação naquele território, mas também sistematizar ferramentas práticas para a ação mediadora. A pesquisa cumpriu seu papel de identificar os fundamentos teóricos aplicáveis e traduzi-los em um instrumento concreto, capaz de fortalecer a atuação da biblioteca como espaço de resistência e formação leitora.

O checklist operacional proposto neste trabalho surge como um produto direto desses achados, funcionando não como uma fórmula rígida, mas como uma garantia de que a mediação permaneça intencional, planejada e, sobretudo, emancipatória.

É preciso reconhecer que, por ser uma iniciativa recente, os impactos de longo prazo na formação leitora e na vida cotidiana dos participantes exigem acompanhamento futuro. Além disso, a metodologia proposta necessita de validação em outros contextos para confirmar sua replicabilidade. As potencialidades identificadas apontam para o protagonismo da biblioteca comunitária na cultura e educação. A experiência demonstra que a mediação sensível e participativa converte a literatura em direito inalienável, cultivando esperança e novos horizontes.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Mediação da informação e múltiplas linguagens**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Bibliotecas públicas e alternativas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 26, n. 1, p. 115-127, 1997. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/000866735.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2025.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; BORTOLIN, Sueli. Mediação da informação e da leitura. *In: SILVA, Terezinha Elisabeth da (org.). Interdisciplinaridade e transversalidade em ciência da informação*. Recife: Néctar, 2008

ALVES, Mariana de Souza. Biblioteca comunitária: conceitos, relevância cultural e políticas. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 16, p. 1-29, 2020. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1252>. | Acesso em: 26 jun. 2025.

ARAÚJO, José Roberto de. **Diretrizes para a gestão de bibliotecas comunitárias sob a perspectiva da gestão participativa**. 2019. 36 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2019. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/52818/1/2019\\_tcc\\_jrdaraujo.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/52818/1/2019_tcc_jrdaraujo.pdf). Acesso em: 20 nov. 2025.

BORTOLIN, Sueli.; ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. O bibliotecário e a mediação oral literária. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 10., 2009. *Anais [...]*, João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2009. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/176127>. Acesso em: 12 nov. 2025.

BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos. Mediação oral da informação e da leitura. *Revista Folha de Rosto*, v. 9, n. 1, 2023. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/220345>. Acesso em: 20 nov. 2025.

BRITO, Regina Garcia. Clubes de leitura, literatura e bibliotecas: perspectivas da mediação cultural na era da informação. 2022. 207 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde09112022-151307/publico/ReginaGarciaBritoCorrigida.pdf>. Acesso em: 28 set. 2025.

COELHO, Clara Duarte; BORTOLIN, Sueli. Mediação da leitura literária em bibliotecas comunitárias. *Revista Cajueiro: Ciência da Informação e Cultura da Leitura*, São Cristóvão, v. 4, n. 2, p. 23-46, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Cajueiro/article/view/19785>. Acesso em: 20 out. 2025.

DURAND, Janine; GERBOVIC, Luciana. **Clubes de leitura: uma aposta nas pequenas revoluções**. Lauro de Freitas: Solisluna Editora; São Paulo: Selo Emília, 2024.

FERREIRA, Emanuelle Geórgia Amaral; BARBOSA; Andreza Gonçalves; SÁ, Jéssica Patrícia Silva de. Práticas informacionais em Clubes de Leitura: mediação, compartilhamento de leituras e trocas informacionais. *Folha de Rosto*. Juazeiro do Norte, v. 8, n. 1, p. 83-103, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/855>. Acesso: 10 out. 2025.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 39. ed. São Paulo: Cortez, 1983.

MARTINS, Gabriella Braga Andrade. **Organização da informação em bibliotecas comunitárias: relações a construir para uma função social a cumprir**. 2021. 65 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belho Horizonte, 2021. Disponível em:

---

<https://repositorio.ufmg.br/items/c93b1d22-2909-46e9-8009-7e9cfd626b0>. Acesso em: 20 nov. 2025.

NASCIMENTO, Maria Lucileide Gomes do. Bibliotecas comunitárias, mediação cultural e literária. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 9, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/93883>. Acesso em: 12 nov. 2025.

PETIT, Michèle. **Ler o mundo**: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. São Paulo: Editora 34, 2019.

PINTO, Lourival Pereira. Bibliotecas comunitárias: dispositivos de Ação In: PINHO, Fabio Assis. **Dispositivos culturais e espaços de memória**. Recife: Editora da Universidade da UFPE, 2013. p. 22-44.

RABELO, Rodrigo; ARAÚJO, Giovanna de Jesus. Bibliotecas populares ou comunitárias como alternativas. *Inclusão Social*, Brasília DF, v.18, n.2, p. 173-187, 2025. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/7591>. Acesso em:

TARGINO, Maria das Graças. Mediação cultural e da leitura como estratégia de inclusão social: bibliotecas comunitárias. *Revista Brasileira De Biblioteconomia e Documentação*, v. 16, p. 1–17, 2020. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1400>. Acesso em: 20 nov. 2025.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.